

# Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

**online**

IIª série #19 (tomo 1) Jul. 2014

**Castanheiro do Vento**  
arquitectura e técnicas de construção

---

**Frutos e Sementes**  
da Citânia de Briteiros

**Arrábida**  
episódios da  
investigação regional

**O Convento do Torrão**  
inventário e documentação

---



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada

## **No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz**

**4.º volume da 2.ª série das Memórias d'Odiana, da autoria de Victor S. Gonçalves:**

**uma apresentação crítica**<sup>1</sup>

João Luís Cardoso [Universidade Aberta, Lisboa]

<sup>1</sup> Texto da apresentação da obra, a convite do Autor, efectuada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 27 de Março de 2014.

### **1. A obra, seu enquadramento e justificação**

A lqueva foi o primeiro Estudo de Impacte Ambiental realizado em Portugal e, sem dúvida, o mais significativo de todos eles. Guardo boas recordações dos longínquos anos de 1984-1985, do Monte das Flores, e do Guadiana, esse rio mítico do final da minha adolescência, quando, em 1975, percorri os locais já antes estudados por Abel Viana e Mariano Feio, repletos de indústrias macrolíticas, exaustivamente estudadas nas páginas da *Revista de Beja*, e depois, com outros meios, muito mais poderosos e outras metodologias e objectivos, pelas equipas que se dedicaram ao estudo dessas ocupações. Boas recordações conservo também do estudo de 1995, respeitante à análise da situação de referência, com base nos dados à data disponíveis, que realizei com C. T. Silva e Juan Javier Enríquez Navascués.

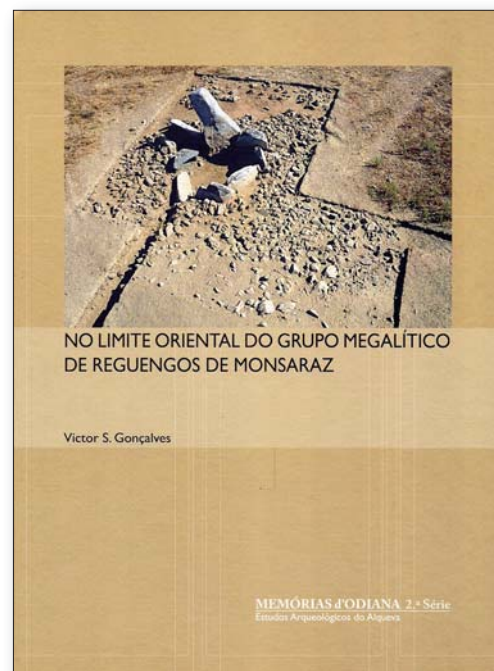
Nesta data, em que já se encontram editados seis dos 14 volumes previstos da 2.ª Série das *Memórias d'Odiana*, destinados a publicar a maior parte dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no âmbito da minimização dos impactes ambientais (componente arqueológica), constituindo quando tal se verificar uma obra monumental, mesmo única, no campo das produções científicas nacionais, compatível com a diversidade e importância dos trabalhos de campo realizados, importa destacar, desde as fases iniciais do Projecto até ao seu epílogo, agora corporizado pelas publicações aludidas, a incontornável acção de António Carlos Silva, a quem se deve, pela sua pertinência, visão estratégica e pragmatismo, a condução deste complexo processo, até ao final feliz que já se encontra à vista.

De facto, foi este megaprojeto de minimização de impactes ambientais ao nível do património arqueológico que financiou, primeiro, as escavações e, depois, as publicações em curso: caso inédito e que os arqueólogos envolvidos deveriam ponderar bem, porque na realidade foram todos co-res-

ponsáveis pelos resultados em que participaram, usufruindo das facilidades postas à sua disposição. Criou-se, pois, uma realidade nova que importa reter, porque, pela primeira vez, foram alocados elevados recursos financeiros que, por via da sua execução, foram carregados, e bem, a favor do conhecimento da realidade arqueológica, que de outro modo ficaria (eternamente?) por conhecer, dando além disso durante um período de tempo assinalável, trabalho a equipas profissionais, e criando as condições para muitos estudantes universitários adquirirem de forma intensiva e dificilmente repetível, a indispensável prática de terreno para a sua actividade futura.

### **2. Aspectos formais e editoriais**

Os inúmeros separadores de folhas inteiras perfeitamente dispensáveis, e até a elevada gramagem do papel, que torna o volume difícil de manusear, creio que constituem opção editorial, não do Autor desta obra; e embora pareça ter havido – e bem – a percepção da importância da documentação exaustiva de todas as evidências que iriam ser destruídas, ou simplesmente ficar inacessíveis por algumas centenas de anos, o certo é que, mormente na iconografia das peças recuperadas – que já não sofriam qualquer risco de desaparecerem –, admito que se tenha exagerado tanto no número de imagens como no tamanho das reproduções, por vezes sem acréscimo real de informação, a que se soma o desperdício de papel; casos há em que o desenho de um machado de pedra polida, ocupa uma única página! Claro que a mesquinha poupança, também não faria sentido. Tudo tem de ser visto de forma equilibrada e realista. Com efeito, talvez as poupanças decorrentes de uma maior contenção naqueles domínios tivessem possibilitado a inclusão de alguns cadernos a quatro cores, que poderiam transmitir uma nota de vivacidade



neste compacto volume, dispensando, por exemplo, a fastidiosa descrição da coloração dos depósitos arqueológicos, com base no código Munsell, para além do caderno a cores que consta do final da obra, custeado pelo Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

As fotos de campo apresentam muitas vezes fortíssimos contrastes, de branco e negro, provocados pelo sol alentejano ou pelas sombras das folhagens das azinheiras que existiam junto aos monumentos escavados, criando dificuldades na leitura. Tais contrastes foram ainda mais acentuados pela degradação dos filmes Ektachrome utilizados no decurso dos anos, como nos informa o Autor. Atendendo à sua conhecida preocupação pelo perfeccionismo fotográfico, lembro que é possível, em certos casos, recorrer a sombras artificiais, ou aproveitar a luz difusa existente antes do nascer do sol ou depois do sol-posto, tanto mais que, como é referido, a equipa permanecia frequentemente no campo até ao limiar da noite... Foi o que eu fiz, quando andei pelas charnecas beirãs ou pelos matagais do Alto-Algarve Oriental, sempre que as fotos de campo exigiam luz difusa, para evitar precisamente a cruza dos contrastes provocados pelas sombras dos esteios dos monumentos, observados em muitas das fotos ora publicadas. As dificuldades na execução tipográfica do presente volume, seis anos depois da sua entrega, em 2007, fizeram-se também sentir ao nível da revisão imperfeita tanto do texto, como da paginação e da inserção de quadros e de figuras, como é também invocado pelo Autor. Imagino que tenha tido um trabalho infernal, agravado pela mudança dos sistemas informáticos, que resultou no desapare-

cimento de informação, cuja recuperação exigiu muito trabalho adicional, a que o Autor foi obrigado num curtíssimo prazo de tempo, envolvendo esforços que é de inteira justiça reconhecer. Em suma, os acidentes de percurso relatados pelo Autor no respeitante à produção da obra explicam plenamente as incorrecções detectadas. Belos tempos os de Leite de Vasconcelos, que escrevia em bilhetes de eléctrico, que só o competente chefe da Escola Tipográfica da Imprensa Nacional conseguia decifrar e compor impecavelmente, sem um erro tipográfico ou de paginação que fosse, como qualquer um pode comprovar ao folhear os milhares e milhares de páginas da primeira série de *O Arqueólogo Português!*

### 3. Questões metodológicas e científicas

O presente trabalho prova o acerto da afirmação intuitiva de que “cada anta é um caso”, embora se possam constituir grupos tipologicamente afins, que o autor apresenta no final do seu trabalho, quanto à arquitectura das diversas partes delas constituintes: *tumulus*, câmara, corredores... sem esquecer a tipologia dos espólios arqueológicos. Foram escavados seis monumentos megalíticos, assim caracterizados:

**3.1.** Monumento cistóide da Herdade da Capelinha, identificado por Carlos Tavares da Silva, cuja ausência de espólio impediu discussão acerca da cronologia da estrutura, como bem refere o Autor. Trata-se de situação frequente no Sul do país. Veiga Ferreira informou-me que tinha escavado muitos monumentos cistóides nestas condições. Em Alcoutim, o que explorei em colaboração com A. Gradim deu espólios evoluídos, aparentemente associáveis a uma única tumulação (CARDOSO e GRADIM, 2003), o que contraria a ideia de constituírem invariavelmente arquitecturas proto-megalíticas. Houve sem dúvida coexistência com estas e até uma sobrevivência às mesmas, como se deduz dos túmulos fechados representativos do Horizonte de Ferradeira, a começar pelo monumento epónimo, no concelho de Faro;

**3.2.** O monumento megalítico do Monte Novo do Piornal, também identificado pelo referido arqueólogo, e igualmente sem qualquer espólio, pode corresponder a um monumento inacabado, do qual não terá sido construído o corredor, o que explicaria a ausência de espólio. A existência de monumentos dolménicos inacabados não é caso único: em Alcoutim, explorei com Alexandra Gradim monumento nessas circunstâncias, o qual foi então comparado com os escassos casos semelhantes de que se teve conhecimento (CARDOSO e

GRADIM, 2010.) A arquitectura atípica do monumento pode ter sido o motivo que levou os Leisner a não lhe darem qualquer importância, ignorando-o completamente do seu inventário, pois não podiam deixar de o ter visto, como bem salienta o Autor, dada a sua implantação no terreno.

**3.3.** As antas 1, 2 e 3 do Piornal, todas elas descritas por G. e V. Leisner, evidenciam afinidades quer quanto à arquitectura (câmaras poligonais simples, corredores curtos), quer nos espólios (presença de geométricos, escassez ou ausência de pontas de seta, escassez de cerâmicas, ausência de placas de xisto), corporizando uma fase precoce do megalitismo de Reguengos, situável na segunda metade do IV Milénio a.C., com monumentos destinados a escasso número de indivíduos. Esta aparente coerência não é incompatível com diversas particularidades construtivas: por exemplo, os blocos de grauaque colocados em torno da câmara e do corredor de Piornal 1 explicam-se por ser este um dos raros monumentos implantado em zona de xistos e grauaques, a Formação de Barrancos, sendo a câmara constituída por sete esteios, seis de grauaque e um de granito. Apesar de os esteios se encontrarem cuidadosamente descritos, importava referir a sua natureza petrográfica, o que não se verifica, informação que potenciará estudos geoarqueológicos sobre a proveniência de tais elementos, assim definitivamente prejudicados. Um programa de geoarqueologia deveria ter sido conduzido em paralelo com o da escavação: aqui fica a sugestão para futuros casos. Em Piornal 2 (substrato de granodioritos e tonalitos), identificou-se um vaso esférico depositado no exterior do monumento, munido de uma asa em fita (não tubular, como se diz no texto), compatível com uma cronologia antiga para a construção do monumento, ou mesmo mais antiga do que a atribuída a este. Seja como for, a exclusão do conjunto funerário original da única ponta de seta de base côncava nele encontrado carece de fundamentação (foi-lhe atribuída uma origem possível nas terras do povoado adjacente), dado que a produção de pontas deste tipo remonta, pelo menos na Estremadura, aos últimos séculos do IV milénio a.C., cronologia compatível com a atribuída pelo Autor ao sepulcro. Enfim, Piornal 3 (substrato de xistos e grauaques, junto do limite com os granodioritos e tonalitos) é um dos raros casos em que existe um *cairn* envolvente.

**3.4.** O último monumento apresentado na obra é a anta 1 da Herdade do Xarez (substrato de granodioritos e tonalitos), monumento que, embora identificado pelos Leisner, não foi por eles escavado, por acharem, provavelmente, que não va-

lia a pena, dado já estar muito destruído. Sorte do Autor, porque, apesar da provável violação pré-histórica, com reutilização da câmara, seguida de uma outra violação moderna, responsável pela dispersão de alguns materiais pelo terreno adjacente, foi ainda possível recuperar um importante acervo arqueológico, com destaque para as 44 placas decoradas, entre inteiras e fragmentadas, que mereceram análise iconográfica detalhada, na senda dos trabalhos dedicados pelo Autor a tais produções. Registo o prometido trabalho de síntese sobre estas peças, que urge realizar, e que só o Autor poderá fazer, dado o assinalável volume de observações acumuladas ao longo dos anos, por forma a definitivamente deitar por terra certas teorias ainda em voga, oriundas do outro lado do Atlântico, mas sem qualquer tipo de fundamentação séria (LILLIOS, 2008). Aliás, a falta de suporte científico do trabalho de K. Lillios foi recentemente demonstrada, de modo concludente e insofismável, se necessário fosse (GARCÍA RIVERO e O'BRIEN, 2014). Seja como for, as placas de Reguengos evidenciam uma assinalável estabilidade iconográfica (o Autor prefere a designação “estabilidade simbólica”, o que não é a mesma coisa), questão que merece ser discutida noutra lugar, mas que, em qualquer caso, se afigura independente da dimensão dos monumentos, observação de assinalável interesse. As 44 placas corporizam, neste monumento, uma segunda fase da ocupação, que se somaria à primeira fase, representada por quatro ou cinco tumulações (com base no cômputo do número de machados e enxós). Ainda que se possa aceitar globalmente esta posição, parece contudo excessivo excluir da fase mais moderna todos os machados e enxós, para só considerar como acompanhantes das placas, essencialmente, as pontas de seta. Deste modo, o número de ocupantes da primeira fase poderia de facto ter sido menor, aproximando-se do estimado para os monumentos do Piornal. A estrutura tumular corresponde a um anel pétreo circundante do lado externo dos esteios do monumento, deixando em aberto, na opinião do Autor, a existência, ou não, de um verdadeiro *tumulus* que cobriria a totalidade do monumento. Poderia este nunca ter existido, mantendo a anta a sua estrutura ortostática primitivamente à vista? Não é prudente dar uma resposta a esta questão, por falta de elementos, mas não poderemos deixar de nos questionar se a janela aberta na anta da Candieira, na Serra d'Ossa, reproduzida desde o século XIX (CARTAILHAC, 1886: Fig. 248, 249), será moderna, pois poderá ser atribuída ao “buraco da alma”, carácter único nos dólmenes portugueses. Interessante é a identificação de um depósito de

seixos de rio à entrada do corredor, que poderia constituir um tapete, à semelhança do observado no dólmen de Monte Abraão (Belas), encontrando-se representado na planta do monumento publicada (RIBEIRO, 1880: Fig. 4).

A existência de geométricos não funcionais, admitida pelo Autor, só por serem de quartzo, é susceptível de discussão, embora seja possível tratar-se de exemplares mais antigos do que o monumento (na verdade, recolheram-se dois, mas só um se encontra desenhado), até por provir de uma zona exterior do monumento, onde poderia ter existido uma ocupação mais antiga (lembre-se, contudo, o esvaziamento deste nas décadas de 1970-1980). Enfim, os pequenos cristais de quartzo euédricos, de evidente simbolismo, dos quais nada se diz, teriam merecido algumas considerações interessantes. Mas fica o registo dos mesmos, tal como o da totalidade dos espólios exumados nos monumentos escavados, para além da caracterização e descrição sistemáticas destes, o que constitui uma evidente mais-valia da obra, fonte de informação incontornável para o conhecimento do megalitismo de Reguengos de Monsaraz, tal como o primeiro livro dedicado pelo Autor a esta temática, há já cerca de 22 anos (GONÇALVES, 1992), na senda da obra pioneira de G. e V. Leisner (LEISNER e LEISNER, 1951), cujo mérito e actualidade não é demais encarecer.

#### 4. Concluindo...

O Autor seguiu na caracterização de cada monumento e dos respectivos espólios um protocolo metodológico rigoroso, chegando a diversas conclusões que importa registar. A mais importante resultou da escavação das antas do Piornal 1, 2 e 3, situadas no limite oriental do megalitismo de Reguengos, e a sua aparente antiguidade e coerência, tanto do ponto de vista arquitectónico como dos respectivos espólios, caracterizados pela associação de artefactos de pedra polida de tipologia arcaizante a geométricos. Eram espaços de utilização restrita, individual ou monofamiliar, cuja cronologia abarcaria talvez os últimos três séculos do IV milénio a.C.

A transformação da anta 1 da Herdade do Xarez, que fazia originalmente parte do conjunto anterior, já nos primórdios do III milénio, de espaço individual ou destinado a escasso número de corpos em verdadeiro espaço colectivo, encontra-se denunciada pela ocorrência de um número mínimo de 44 placas de xisto.

O Autor coloca a hipótese de estes primeiros grupos de construtores de megalitos registados até ao

presente na região terem vindo dos lados do Guadiana, onde se conhecem ocupações meso-neolíticas, ocupando durante um primeiro momento as franjas da futura área megalítica, sem prejuízo de, no interior da mesma, se encontrarem monumentos de idêntica tipologia e cronologia, ou até eventualmente mais antigos, cujo paradigma é a anta 1 do Poço da Gateira, explorada e devidamente valorizada por G. e V. Leisner, até por ter sido o único monumento que eles encontraram com o interior praticamente intacto (LEISNER e LEISNER, 1951).

Na verdade, a ter-se verificado a expansão do grupo construtor destes monumentos para ocidente, tal seria fenómeno instantâneo, não detectável ao nível do registo arqueológico, dada a exiguidade dos territórios em causa. Nesta óptica, o Autor conclui acertadamente que não se afigura necessário (nem tal seria possível) falar de centros e periferias megalíticas, mas sim de um eventual deslocamento generalizado do eixo de povoamento das margens adjacentes do Guadiana, povoadas no Mesolítico Final-Neolítico Antigo, por via de movimento rápido, para as férteis terras dos campos rasos (parafrazeando os Leisner) do substrato granodiorítico alentejano do actual concelho de Reguengos de Monsaraz, como mostram os 137 monumentos até ao presente ali registados.

Aquela conclusão, que remata a obra, é de grande interesse, por ilustrar de forma concludente a fase mais antiga até agora arqueograficamente caracterizada do megalitismo de Reguengos, que até ao presente era mal conhecida, em resultado do aturado estudo dos monumentos investigados, constante da presente publicação. Assim, apesar de o Autor confessar não ter registado na sua memória qualquer recordação especialmente gratificante destas prolongadas, exigentes e desgastantes intervenções de terreno – o que se compreende perfeitamente, dada a natureza e “regras de jogo” da arqueologia contratual, que ele próprio aceitou –, o certo é que desse esforço colectivo, coordenando várias dezenas de estudantes de diversas Universidades, especialmente da então variante de Arqueologia da sua Universidade, que ali, muitas vezes pela primeira vez, tiveram o primeiro contacto a sério com a Arqueologia de campo, resultou uma obra incontornável para o conhecimento do megalitismo alentejano, solidamente documentada, somando-se às importantes contribuições que se devem ao Autor neste domínio. Uma última referência, primeiro ao belíssimo poema de Algernon Swinbourne, *Hino a Proserpina*, magistralmente traduzido por Helena Barbas e, depois, descendo agora à Terra, aos estudos

do Arq. António Alfarroba relativamente à visibilidade desfrutada pelos locais de implantação destas estruturas pétreas, permitindo verificar que a implantação no terreno dos monumentos estudados não privilegiava a visibilidade que a partir deles e para eles se desfrutava; outras razões haveria, algumas adiantadas pelo Autor em outras obras, designadamente a drenagem dos solos e a sua escavabilidade, questões de ordem bem mais prática do que simbólica. Uma referência ainda para Ana Catarina Sousa, que colaborou na redacção da última parte desta obra. Obra que é, repito, um modelar exemplo de como só um registo de campo rigoroso e metodologicamente coerente, conduzindo à fixação de todos os detalhes observados, seguido por um trabalho de gabinete sistemático, de registo, inventariação e representação gráfica, pode dar origem a boas conclusões, as quais, por sua vez, são a única via que permitirá a construção das desejadas sínteses, sóbrias, sólidas e objectivas, despidas de roupagens impressionistas e pessoais, como convém a qualquer trabalho científico. ✎

#### Bibliografia

- CARDOSO, J. L. e GRADIM, A. (2003) – “A Cista Megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 167-179.
- CARDOSO, J. L. e GRADIM, A. (2010) – “A Anta do Malhão (Alcoutim) e o «Horizonte de Ferradeira»”. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 10: 56-72 (*Actas do 7.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2009*).
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- GARCÍA RIVERO, D. e O'BRIEN, M. J. (2014) – “Phylogenetic analysis shows that neolithic slate plaques from the Southwestern Iberian Peninsula are not genealogical recording systems”. *Plos One*. 9 (2). [Em linha. Disponível em <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0088296>. Consultado em 2014-06-08].
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendando as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951) – *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the dead*. Austin: University of Texas Press.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II. Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*. Lisboa: Typographia da Academia.